

QUANDO A POESIA POSSIBILITA NOMEAR O INOMINÁVEL:

EDIÇÃO DA OBRA COMPLETA DE ALBANO MARTINS

Jorge Vicente Valentim

PAIXÃO. O seu sinónimo perfeito é sofrimento, mas o sofrimento por amor é o único humanamente tolerável e, mais do que isso, apetecível. Diria mais: a paixão é a única forma digna de enfrentar a vida e resistir aos diários assaltos da morte.
[Albano Martins. *Por ti eu daria*, p. 484.]

Como abordar a obra de um poeta quando esta possui uma dimensão hercúlea e uma gama de possibilidades estéticas, como é o caso de Albano Martins? Como emitir opiniões sobre o seu trabalho poético, quando olhamos para trás e encontramos, pelo menos, três nomes incontornáveis da crítica portuguesa: Eduardo Lourenço com seu brilhante prefácio, em *A vocação do silêncio* (1990); Eduardo Prado Coelho e a sua sensível recensão crítica sobre *Assim são as algas* (2000), no jornal *Público*; e, por fim, Vitor Manuel Aguiar e Silva, com o seu extenso e denso estudo nas páginas iniciais de *As esarpas do dia* (2010)? Como apresentar Albano Martins depois de um elenco dessa envergadura?

Confesso que essas foram as minhas primeiras dúvidas, quando recebi, semanas atrás, o convite da família do poeta para apresentar a edição definitiva de toda a sua poesia. Claro está que a minha primeira reação foi de receio, afinal, eu sou um professor brasileiro que teve a sua formação acadêmica em contato direto com os ensaios e os estudos desses críticos. Ou seja, são referências inquestionáveis de mestres que permanecem vivos no meu e no nosso pensamento. Por outro lado, em seguida, não posso deixar de declarar a minha alegria e o meu prazer de ter sido escolhido para tão distinguível tarefa, face às opções mais competentes.

O que posso dizer, portanto, de *Por ti eu daria*. Toda a poesia, de Albano Martins, saído recentemente sob a chancela da editora Glaciar? Em primeiro lugar, quero destacar a forma singela, mas muito bem apropriada de nos presentear o autor.

Salvo engano, de todos os livros publicados pelo poeta, este é o único em que ele surge inteiro na foto de capa. E não me refiro às imagens internas de edições anteriores, captadas por câmeras, pincéis ou canetas. No meu entender, a presente iniciativa da editora é, talvez, uma das formas mais significativas de homenagear a memória do autor, já que a sua grande preocupação não era a de quantos prêmios poderia ganhar, mas quantos leitores o leriam? Albano é um escritor que quer ser lido e quer alcançar o público pela sensibilidade da poesia.

Neste sentido, o semblante sereno, a face com as marcas do tempo em que ele viveu, o olhar direto numa troca olho no olho com o leitor e o título da edição com o verso inicial de um dos poemas da última obra na presente edição (*O nome da cratera*) propiciam um contato explícito e sem rodeios com o poeta e a sua poesia: “Por ti / eu daria / de bom grado / o meu reino / — o meu reinado” (MARTINS, 2022, p. 501). E não será exatamente essa a sensação ao folhear as páginas de *Por ti eu daria*? A cada livro recolhido, somos apresentados não apenas ao reino do poeta, mas ao seu reinado, onde foi um soberano por excelência.

Outro aspecto importante desta edição encontra-se na exposição de uma memória cultural do exercício poético de Albano Martins. Nesse ponto, a editora Glaciar merece todos os elogios por dar a conhecer ao leitor, na “Nota do editor”, os volumes anteriores com a publicação integral dos poemas, bem como as suas primeiras casas editoriais. Assim, aquele que se debruçar sobre o presente volume pode ter uma ideia da dimensão hercúlea de toda a poesia de Albano Martins.

Se, muitos dos seus livros já entraram nas edições anteriores, esta se singulariza por fornecer uma ordem cronológica de sua produção integral, incluindo nela, poemas inéditos, em que alguns dos traços já destacados pela crítica especializada lá se encontram: o erotismo exacerbado e suas representações multifacetadas; a preocupação

ontológica com o tempo, a vida e a morte; o rigor na composição arquitetural do poema, revisitando desde as odes clássicas até o haikai oriental; os inúmeros diálogos interartes com a pintura, a escultura, a arquitetura e a música; as diferentes captações da memória diante das paisagens por onde andou e navegou. Tudo isso lá está. Mas, para além do poeta, também encontramos o homem do seu tempo, que não conseguiu desviar os olhos das principais questões e inquietações e dos marcantes conflitos do século XX, tal como os versos de “O novo mandamento” bem elucidam:

Está criado
o novo mandamento. Aos pássaros
dirás: não cantareis; às flores:
não florireis. E florirão
as bombas. E morrerão
as pombas. E ao sangue
dirás: rio
serás. E sobre
os escombros erguerás
o homem novo, o seu cadáver, desenharás
a ferro e fogo o mapa
do luto e das lágrimas. E imporás,
enfim,
a liberdade. A liberdade
do terror e das armas. A liberdade
para matar (MARTINS, 2021, p. 418).

Composto logo depois do conflito no Médio Oriente, este poema do início dos anos 2000 resguarda uma atualidade apocalíptica, sobretudo, se olharmos um pouco mais para o Leste da Europa e o conflito que assola a Ucrânia. Aliás, fico mesmo a me interrogar o que o poeta escreveria, observando essa nova década do século XXI, marcada por uma pandemia que dizimou milhares de pessoas e por conflitos bélicos cada vez mais insolúveis.

Mas a presente edição também nos oferta um Albano Martins, homem do Norte de Portugal, artista radicado no Porto, cidade que o acolheu e onde se sentia em casa. Das cores cinzentas dos granitos, Albano soube como ninguém cantar a beleza do Douro, da Ribeira e da Foz. E não posso deixar de mencionar aquele que, para mim, é

um dos pontos máximos de seu trabalho poético: *Rodamel. Rododendro*. Numa viagem da Ribeira a Foz, somos levados pela mão generosa do poeta para reconhecer as mudanças operadas pelo homem na paisagem e o tempo que o aflige e, por conseguinte, também os seus leitores:

Íamos pela Ribeira, pátio de escamas, desperdícios, sol deposto. Do outro lado do rio, incendiando a margem, velas de sombra, um vento inchado, apodrecido, varrendo as casas, os telhados. Um vento de giestas salgadas, de caruma. De guitarras ciganas. De aquáticas lucilações. Íamos ao encontro da foz. Ruas altas, trilhos de velhos carros de hortaliça e rododendros. Um perfume de cal estagnada (MARTINS, 2021, p. 197).

Não há como não perceber a sensibilidade com que capta as formas, os sons, os cheiros e as cores de uma paisagem, tantas vezes vista, agora absorvidas pelas lentes poéticas e sensíveis de quem quer reconhecer o espaço e cantar a paisagem para além dela própria. Aquilo que para alguns poderia parecer uma cena inóspita e inominável, Albano consegue nomear com sensibilidade no corpo de sua poesia.

Interessante destacar que, mesmo sendo um artista do Porto, nunca deixou de olhar e ressaltar outras paisagens de dentro e de fora do país. *A voz do chorinho ou os apelos da memória* (1987) constitui um exemplo paradigmático dessa técnica. Para além dessa obra, *Por ti daria* oferece-nos aquilo que o poeta sempre quis ofertar: a sua poesia por publicar, a matéria do seu olhar refinado sobre o mundo, sobre as coisas e sobre a humanidade. Não à toa, o poema inédito “Lisboa, entre rio e mar” revela-se uma apologia da capacidade criadora em dispor no papel as cores, as tintas, as formas e os cheiros da capital portuguesa. Se, por um lado, as duas estrofes iniciais já prenunciam um olhar atento a uma beleza lírica:

1.
Entre as colinas e o mar
o rio solta
os seus corcéis.

2.
Do rio nasceu uma gaivota
que não voa.
Deram-lhe o nome Lisboa (MARTINS, 2021, p. 423).

por outro, nas muitas descrições que faz da cidade, não deixa também de exercitar uma ironia muito fina, quase mordaz, com uma delicadeza que parece revelar um sorriso de Monalisa, meio escondido, meio exposto:

12.
Alguns a amaram,
outros a possuíram.
Continua solteira (MARTINS, 2021, p. 424).

Reunidos, hoje, para celebrar a memória cultural deste grande poeta e deste homem do seu tempo, gosto de pensar que estejamos todos cumprindo aquilo que ele próprio vaticinou no poema em prosa “Paixão”, de *Pequeno dicionário privativo* (2017), citado em epígrafe, afinal, não estamos aqui movidos pela paixão que temos por Albano Martins e pela sua obra, enfrentando os percalços da vida e desafiando os diários assaltos da morte (e de uma pandemia)? Não será a sua obra poética uma maneira de dar forma e nomear aquilo que não conseguimos? Na verdade, quero acreditar que estamos aqui a concretizar e a celebrar os sintéticos, mas sensíveis versos do poeta que, em *Coração de bússola* (1967), nos dá uma lição lúcida e atemporal: “A vida — essa invenção magnífica da morte” (MARTINS, 2021, p. 64).

E exatamente porque estamos a celebrar a vida, e não a morte, quero concluir com uma nota particular. Conheci o poeta, através da leitura de *Rodomet. Rododendro*, em 1989, nos bancos da graduação na Faculdade de Letras da UFRJ. No ano seguinte, em 1990, no Congresso Internacional da ABRAPLIP, no Rio de Janeiro, tive a oportunidade de falar pessoalmente com o escritor. E, para mim, foi um batismo de fogo porque, na ocasião, tive a minha estréia acadêmica, com a apresentação da minha primeira comunicação. Ao terminar, movido pela paixão juvenil de alguém que acabara

de concluir a sua licenciatura, disse angustiado ao Albano: “Eu ainda não tenho certeza sobre o que e como abordar o teu livro. Eu tenho muitas dúvidas”. Ao que ele me respondeu, com um sorriso generoso: “Não te perturbes. Eu as tenho todos os dias, por isso, continuo a escrever”.

Essa é a imagem que eu guardo do poeta, do artista, do intelectual e do ser humano generosíssimo e inquieto, que não deixa de corresponder com aquela que surge estampada na capa de *Por ti eu daria*. Por isso, aos leitores, desejo uma aventura saborosa e sensível ao universo poético de Albano Martins, pois, como o título da presente edição bem destaca, por nós, ele daria o seu reino e o seu reinado. Cabe a cada um de nós, portanto, tomar e ler com prazer. Bem haja à APAM, pela permanência da memória do poeta. Bem haja à família, Kay e Isabel, pela partilha do poeta. Bem haja à editora Glaciar pela iniciativa de nos ofertar o poeta inteiro, na sua complexidade e singeleza. Muito obrigado!

Referências bibliográficas:

MARTINS, Albano. *Por ti eu daria*. Toda a poesia. Lisboa: Glaciar, 2021.